



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

?Mudjer qui trabadja na cerâmica ka tem marido?: geração, gênero e família entre as oleiras de Santiago Norte - Cabo Verde

Autoria: Vinícius Venancio (UNB - Universidade de Brasília)

A olaria é uma atividade tradicional em Cabo Verde, especialmente nas ilhas de perfil mais agrário. Em Santiago, a mais populosa das dez ilhas que compõem o país-arquipélago e onde está localizada a capital do país, Praia, não é diferente. E é no seu interior que a produção da cerâmica floresce com afinco. A cerâmica assume um lugar central na vida santiaguense desde o período colonial, uma vez que os fogões, bides (cuscuzeiros), painéis e moringas eram todas feitas de cerâmica. E essa tradição segue até os dias de hoje, quando a produção da cerâmica passa por um processo de revitalização e ela é fornecida não apenas no mercado interno, mas começa a ser vendida também como souvenir, com o crescimento do turismo no país. Em um contexto de escassez de work formal e forte tendência à emigração, mulheres-mães se dedicam à produção da cerâmica como forma de ?desarascarem-se? financeiramente, começando da apanha do barro, passando pela sova, moldagem e cozimento das peças, indo até a venda delas nas grandes feiras da ilha. E é a partir desse cenário de feminização do works informais em Cabo Verde que pretendo discutir os impactos e reverberações da produção da cerâmica para as relações de gênero, intergeracionais e familiares na parte norte da Ilha de Santiago. Aqui, será acentuada a centralidade da cerâmica na vida dessas mulheres, que ao mesmo tempo em que moldam a cerâmica, pela cerâmica elas têm suas vidas moldadas. Para tal apresentação, o foco recairá no cotidiano das mulheres de duas olarias, a Arte e Cerâmica, em Fonte Lima, e Ponto de Encontro, em Trás-os-Montes, ambas na parte norte da ilha de Santiago. Os dados apresentados compõem a discussão realizada em minha dissertação de mestrado acerca das versões da nação produzidas



e comercializadas através de suvenires ?genuinamente? cabo-verdianos na ilha de Santiago.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: